

ASSUMIR

Boletim Nacional da ACO

Ano XVIII - SETEMBRO/DEZEMBRO 97 Nº 49

Elia
**Feliz Natal,
companheiros!**



***Não podemos
desanimar
diante da
conjuntura!***



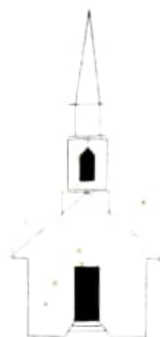
BOLETIM FORMATIVO E INFORMATIVO DA
ACO ☐ VINCULADA AO SETOR LEIGOS
LINHA 1 - CNBB - ENDEREÇO PARA
PEDIDOS: AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA - Rua
Van Erven, 26 - Catumbi - CEP 20211-320 - Rio de
Janeiro, RJ - Fax e Tel.: (021) 502-2231
☐ Programação Visual/Arte-final: Alonso Higino:
Fax 253-9721  263-4249 Fitolitos/Impressão/
Encadernação: REPROARTE (021) 263-4249



*Leia, reflita
e divulgue*

Índice

- ☐ Feliz Natal, companheiros!
Normando
- ☐ Não podemos desanimar diante da conjuntura
Josenildo
- ☐ Economia Informal ou Economia Popular Solidária?
Francisco Cruz
- ☐ Encontro de espiritualidade
- ☐ ACO e engajamento
Delci e Sebastião
- ☐ Carta do Recife
- ☐ Conselho Nacional da ACO
Susana
- ☐ Dois grandes testemunhos de vida
- ☐ A vida nas bases da ACO de Região Norte - Amazonas e Pará
- ☐ Região Nordeste II
- ☐ Região Sul
- ☐ República Dominicana
Sônia Miranda
- ☐ Carta do MTC da Alemanha



Editorial

Feliz Natal e Novo Ano! É o que desejamos a todos os militantes e amigos da ACO. “**Feliz Natal, companheiros**”! expressa bem esta aspiração.

“*Não podemos desanimar diante da conjuntura*”, e da “*Economia Informal*”. Esses termos expressam a necessidade de reformas mas em favor do povo e não contra o povo como está acontecendo.

“*A ACO de Barra Mansa*”, “*Carta do Recife*”, “*Conselho Nacional*” e mais “*Testemunho de vida*”, de diversos artigos, reafirmam nosso compromisso com a aspiração de libertação do povo.

“*A vida nas bases da ACO*” - REGIÃO NORTE: – Imperatriz, – ACO do Pará, – ACO de Parintins, – ACO de Manaus.

“REGIÃO NORDESTE II” - vale a pena conhecer o conteúdo deste Seminário.

“REGIÃO SUL” - além da Revisão do ano, há boas propostas em termos de continuidade.

“*Carta do MTC da Alemanha*” e “*República Dominicana*” mostram a sensibilidade dos membros do MTC da Alemanha em sua visita à Amazônia e a valorização da visita de Sônia à República Dominicana.

Estamos em fim de ano. Diante da ameaça do desemprego que se espalha de norte a sul do país, é importante a união, a solidariedade e o compromisso de confiar em mudanças, mas sempre permanecer firmes na ajuda mútua.

Que o Natal e o Ano Novo nos iluminem e motivem para uma nova caminhada na esperança de um futuro mais humano e compreensivo.



Feliz Natal, Companheiros!

Natal está chegando, FESTA DO POVO, FESTA DAS FAMÍLIAS, da ESPERANÇA sempre renovada na fonte da vida.

É o fim de um ano difícil dentro do nosso Movimento com a crise da militância, em todos os campos, e especificamente com a crise financeira do nosso Movimento a nível nacional, que nos levou a decisões dolorosas, porém necessárias. É também o fim de um ano de aprofundamento da crise neoliberal que marginaliza e exclui sistematicamente grande parcela do nosso povo do banquete da vida. Ano que chega ao fim com a preocupação aguda nas Economias chamadas emergentes – entre elas a brasileira – em cuidar das suas feridas abertas pelo terremoto que sacudiu as Bolsas de Valores do mundo inteiro nos últimos meses e revelou como nunca a fragilidade do tão badalado sistema de Economia globalizada.

É Natal que está chegando. É preciso resgatar seu sentido profundo, redentor, libertador: Natal como festa da vida, como irrupção da Graça de Deus na terra dos homens... “e o Verbo se fez carne e habitou entre nós”! (Jo 1), para além da fúria propagandística que teima em fazer dessa data um marco de exuberância consumista e de alegrias baratas, precisamos retornar às fontes e redescobrir o Natal dos pobres, do encontro com Deus, do compromisso com o Reino. Para nós, militantes da ACO, Natal só pode ser encontro com Jesus que nos leva a partilhar a mesma causa, a mesma visão do mundo, a mesma luta. Afinal de contas, somos seguidores de Jesus, não apenas devotos. Não queremos olhar Jesus apenas como uma pessoa que a gente admira, cheia de qualidades, simpática ou ainda cheia de sabedoria ou o que for. De devotos, estamos cheios. Não que Jesus não seja isso tudo, mas Ele é muito mais que isso. E nossa relação com Ele é como militantes da ACO andando pelas estradas da vida.

Ele é caminho, o nosso caminho. Portanto, ser cristão é seguir a Jesus. É trilhar o caminho que Ele trilhou, é fazer o que Ele fez, é defender as coisas que Ele defendeu. Ser cristão é assumir as mesmas causas que Ele assumiu, e portanto, nos dispôr a encontrar os mesmos obstáculos.

Uma palavra expressa bem a missão de Jesus: o Reino. Jesus veio para substituir o velho pelo novo, o mundo do pecado, da desigualdade, da injustiça, da miséria, por um mundo novo de graça, de igualdade, de justiça e felicidade, o Mundo de Deus. Jesus abraçou essa causa até as últimas consequências, o que O levou à morte de cruz, como diz São Paulo.

– Posso eu ser cristão verdadeiro hoje sem fazer o que Jesus fez?

– Posso eu ser militante da ACO sem abraçar a causa do Reino e sem lutar pela sua construção? Como vou fazer hoje o que Ele fez ontem, ser presença Dele no mundo tumultuado de hoje, sem denunciar o que nega a vida para tantos, sem construir as opções, e as solidariedades que levam a uma Sociedade nova?

Descobrir concretamente como Jesus agiu em relação aos pobres, marginalizados, doentes, pecadores, poderosos, sábios e em relação à segurança como nos comportar hoje, militantes, diante de tantas misérias que assolam a vida do povo: diante da exclusão do Sistema, diante dos seus promotores, diante do trabalhador pisado, da vida negada, da exploração da pessoa humana em prol dos lucros fáceis, diante do escândalo da fome no mundo e das mortes prematuras.

Jesus enfrentou as forças do mal até a morte de cruz, de onde surgiu vitorioso e reconhecido pelo Pai da Verdade de sua Missão. É daí, da Ressurreição do Crucificado, que nasce a nossa Esperança.

Teremos nós a mesma coragem e a mesma fé para seguir o mesmo caminho?... A cada um pertence a resposta...

Feliz Natal, Companheiros, Companheiras! A Criação toda está grávida daquele que quer nascer. Abram as portas para a vida nova surgir. E que o ano que vai entrar seja para todos de saúde, paz, graça e amor.

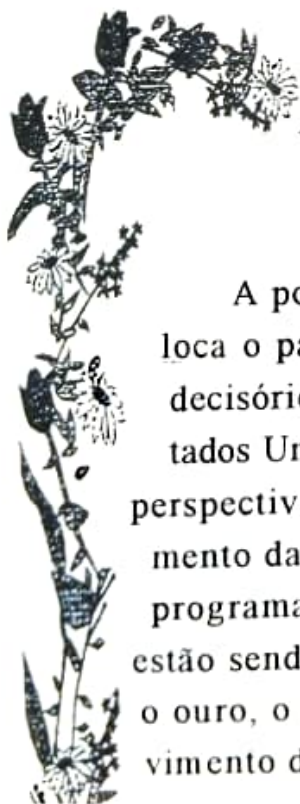
Com meu abraço,

Normando



Não podemos desanimar diante da conjuntura!

A política econômica adotada por Fernando Henrique Cardoso, coloca o país numa posição de subserviência perante os grandes centros decisórios da economia mundial. São os países ricos liderados pelos Estados Unidos, que ditam as regras do jogo para o terceiro mundo. É nessa perspectiva, que o presidente adotou a política de colaboração em detrimento da nossa soberania. O exemplo concreto dessa aliança tem sido o programa de privatização, onde setores estratégicos da nossa economia estão sendo entregues a "preço de banana"; o petróleo, o aço, a energia, o ouro, o diamante e a comunicação, são peças-chaves para o desenvolvimento de qualquer nação.



Reforma da Constituição

Para atender às exigências do acordo celebrado com o FMI, o governo impõe reformas na Constituição, retirando conquistas da classe trabalhadora, garantidas às custas de muitas lutas e suor. O sistema de aposentadoria passou por várias mudanças, aumentando os anos de contribuição dos trabalhadores para se ter acesso a este direito. Enquanto isso, o governo não tem a mesma disposição nem a coragem de mexer na aposentadoria dos militares e dos parlamentares. Cria pânico dentro do serviço público, propondo o fim da estabilidade do servidor, colocando em risco a prestação dos serviços à população. Para o governo, é melhor ter servidor subalterno incapaz de denunciar as demandas cometidas na máquina pública, do que garantir a transparência e moralidade nesse setor. Por outro lado, vem promovendo um dos maiores arrochos salariais da história; há três anos, esse setor não percebeu nenhum reajuste. Com o argumento de manter a economia estabilizada sem risco para o Plano Real, vem retirando receitas dos estados e municípios penalizando ainda mais a qualidade de vida da população. Teve a ousadia de conceder um aumento de R\$ 8,00 (oito reais) no salário mínimo em maio deste ano sem sinalização para a implantação de uma política salarial, jogando à classe trabalhadora à mercê da boa vontade dos patrões, como se toda categoria tivesse o mesmo poder de barganha.

Necessidade da reforma agrária

A Reforma Agrária vem se arrastando e o governo parece não estar preocupado em atender o clamor da nação brasileira, que na última pesquisa divulgada pelo Ibope, se manifestou favorável à Reforma Agrária e à luta do MST. O que há, é muito discurso e pouca ação. O programa "Cédula da Terra", lançado no Palácio do Planalto em agosto próximo passado, desrespeita a luta do MST e descaracteriza a Reforma Agrária que queremos. Esse projeto financiado pelo Banco Mundial, tem uma grande semelhança com o antigo BNH, órgão financiador da compra da casa própria; a única diferença é que o atual se refere ao financiamento para a compra de terras. A verdade dos fatos é que o governo não está disposto a criar problema com a UDR, grande aliada no Congresso Nacional. Um governo onde quem manda é o PFL, não vai fazer reforma agrária: só a mobilização do campo e da cidade será capaz de garantir esse direito.

Falta dinheiro para a Reforma Agrária; no entanto, quando se trata de socorrer os bancos falidos, há recursos de sobra.

Exclusão social

A exclusão social chega a ser um absurdo, quase 50% da população brasileira não tem direito à alimentação básica. Vive como cão sem dono perambulando pelas ruas, porque a Pátria que deveria ser mãe, virou as costas abandonando os seus filhos. Como resposta a esta política de exclusão milhares de pessoas foram às ruas no dia "7 de Setembro - Grito dos Excluídos", alertar o governo FHC e exigir do próprio, justiça social.

O setor educacional e de segurança

O setor educacional está no mais completo abandono. Faz vergonha o sucateamento porque passam as escolas públicas. Faltam bancas, material didático, professores e sobretudo um salário que dignifique a categoria.

O acesso à universidade está cada vez mais difícil; 60% dos aprovados nos vestibulares são da classe média e rica, ficando apenas 20 a 30% da classe pobre, conforme pesquisa divulgada pelos jornais. É impressionante e até irônico que o Presidente da República seja considerado um dos maiores intelectuais da área.

No setor de segurança, a prioridade da campanha eleitoral de 94, resultou na greve dos policiais militares nos diversos estados do país, deixando a população nas mãos dos bandidos.

Necessidade de mudança na segurança pública

A nação não pode aceitar o abandono que se encontra este país. A cada dia que passa se agrava a violência, fruto do caos social fabricado pelo Plano Real. A matança de seres humanos que acontece todos os dias nos grandes centros urbanos, exige uma reformulação no sistema de segurança pública, inclusive com participação e colaboração das entidades que trabalham na área de direitos humanos. Viver nesse país, está se tornando um grande desafio, porque a vida é ameaçada a cada momento. Um país é verdadeiramente, independente, democrático e soberano, quando a vida é prioridade do governo e da nação.

Os povos indígenas precisam assegurar suas terras

Os povos indígenas vivem no esquecimento, frequentemente assistimos através da televisão a luta dos índios para garantir a demarcação das suas terras; o governo pouco está preocupado em preservar os direitos dessa gente. O caso mais recente que irritou a opinião pública brasileira, foi a decisão da Dona Sandra Melo, juíza responsável pelo processo dos assassinos do índio Pataxó, Galdino de Jesus; diminuir a pena dos assassinos com o argumento que eles não tinham intenção de matar, é abrir um precedente gravíssimo a favor da violência. Não é exagero afirmar que não existe justiça para os pobres deste país. Se esse fato fosse cometido contra alguém da classe rica, com certeza os assassinos já estariam presos numa detenção de segurança máxima.

Estamos num país fora da lei

Vivemos em um país fora da lei, onde a maioria da classe política não tem a dignidade de respeitar o povo que o elegeu. Qual a punição que será aplicada para os governadores, prefeitos e secretários de estado envolvidos em escândalo dos precatórios, responsáveis de desviar milhões de reais dos estados para outras finalidades, sem prestação de contas à população? Por outro lado, o projeto de reeleição se transformou numa vergonha nacional, para garantir a sua aprovação no Congresso Nacional, o governo FHC montou uma verdadeira operação de compra de voto, denunciado pelos meios de comunicação.

Conjuntura nova

A conjuntura não é favorável à classe trabalhadora, mas não podemos desanimar diante do futuro. Apesar de tantas desgraças há um grupo de pessoas que não cala a sua voz diante das dificuldades. Faz-me lembrar uma mensagem de Dom Helder Câmara: – “Quando os problemas se tornam absurdos os desafios se tornam apaixonantes”.

O papel do cristão é não curvar a cabeça, nem se abater diante dos problemas, pelo contrário, deve se colocar a serviço da transformação deste país, onde de fato sejamos uma nação soberana. Por todos os recantos do Brasil estão acontecendo sinais de luta que nos possibilitam apostar num futuro melhor para nossa gente.

Esses sinais de esperança, que estão surgindo e acontecendo, são como a estrela de Belém, nos guiando para uma vida nova. Tenho certeza que não falo de uma esperança falsa e sim de um projeto concreto e capaz de gerar a felicidade para todos.

Josenildo - NE II



Economia informal ou economia popular solidária?



Desde o Encontro de Formação do MOAC, realizado em Medellín, Colômbia, em março de 96, passando pela VIII Assembléia Geral do MMTC, em Porto, Portugal, em maio de 96 bem como sucedeu no último Encontro Latino Americano do MOAC, Lima, Peru, março de 97, o tema Economia Informal vem sendo objeto de reflexão e debates sempre procurando conhecer e identificar as suas diversas formas de apresentação em nossa realidade de terceiro mundo, desde suas causas,

consequências e perspectivas de vida e de organização dos trabalhadores(as) do setor.

Uma vez identificado o sofrimento, precariedade e esperanças dos vários rostos pobres da informalidade, faz-se necessário seguir avançando no processo de mundialização da cultura da solidariedade com e entre os excluídos, mediante a formação de uma consciência e identidade de Classe coerente com o Projeto de Deus, o qual já nos fora testemunhado por Jesus Cristo.

Posto que uma das resoluções da Assembléia de Porto aponta para a criação de uma rede de Economia Popular Solidária (EPS). Em Lima, propunha-se a buscar caminhos de construção desse grande projeto, no âmbito nacional e internacional.

Segundo Oscar Gutierrez, membro do Coletivo de Economia Solidária do Peru, não existem especialistas em Economia Solidária (ES). Mas existem boas intenções e muitas idéias que o mesmo colheu no meio do povo e entre amigos que também trabalham no meio popular, cujas abordagens transcrevo aqui a fim de que nos ajudem a aprofundar a nossa reflexão e ação que assumimos no último seminário nacional da ACO frente ao mundo da informalidade em nosso País.

"Economia é uma ciência social, humana. Portanto, podemos mudá-la".

Economia Popular Solidária (EPS), é parte da Economia Solidária (ES).

A ES está em construção, sendo trabalhada de várias formas, mas sem uma definição exata até o momento. Mas sabe-se que a ES, é contrária à economia capitalista, deixando de ser apenas uma alternativa àquela, pois na ES não se pode excluir ninguém. Nela temos que defender a vida de maneira radical.

A ES é uma necessidade urgente e de nossa responsabilidade. Este é o momento de confiança mútua entre nós, embora não devamos crer só na força humana. Se a ES for um processo só dos homens, não vai mudar nada, mas se também for um processo espiritual, mudaremos muitas coisas.

ES, em termos do Evangelho, se dá por um processo de conversão, pois se não muda o homem não se muda nada. E também um processo semelhante ao da Santíssima Trindade, que foi revelando em primeiro lugar o Pai, depois o Filho e, em seguida, o Espírito Santo.

Sabendo que educar para a solidariedade, para a partilha é algo muito difícil. Criar as condições para se estabelecer as bases da Economia Popular Solidária (EPS), se nos apresenta como um grande desafio para nós mesmos e nossas organizações populares.

É preciso nos articularmos como sistema, ou seja, integrar na EPS, povos ou culturas oprimidas, como os indígenas, etc.

Não importa os números, a quantidade. O que importa é a justiça, a verdade e o amor sobre todas as coisas.

Para se começar a trabalhar em EPS não é necessário termos um projeto totalmente acabado.

Somos um Movimento de Trabalhadores Cristãos. Temos um Projeto: Reino de Deus, para viver aqui e agora. É um Projeto Histórico. Somos chamados por esse Reino a buscar primeiro a sua justiça. O método é a transparência nas ações; os recursos estão em Jesus Cristo que sempre está conosco.

Reconstruir a memória histórica, ajuda a formar consciência popular. A EPS, é um projeto a longo prazo e parte das experiências já existentes é da sua articulação frente ao modelo neoliberal.

Algumas questões levantadas:

1. A Economia Informal é necessária ao sistema capitalista ou uma ameaça a ele?
2. A EPS é possível como perspectiva de Classe?
3. É falar em Economia Solidária?
4. Como está nascendo a Economia Popular Solidária?
5. Como trabalhar a consciência de Classe em EPS?

Teresina, 11 de agosto de 1997

Francisco Cruz, Conselheiro Nacional e do MOAC - LA



Encontro de espiritualidade em Barra Mansa - 10/97

A ACO de Barra Mansa teve a iniciativa de programar um dia de "espiritualidade" para seus militantes. Companheiros(as) de Nova Iguaçu e Volta Redonda também participaram.

O tema desse dia: "Trabalhadores(as), rumo ao Terceiro Milênio".

Nosso Bispo D. Waldyr que orientou esse dia, foi muito feliz em suas colocações. Estas ajudaram bastante os participantes a aprofundar o seu compromisso de fé ligada à vida.

Na reunião do Regional do Rio de Janeiro, foi colocado em pauta o dia de "espiritualidade". Os presentes que participaram do mesmo avaliaram como positivo e de grande proveito para esse dia, louvemos e agradecemos a Deus pelas graças que certamente derramou sobre os trabalhadores(as) e sobre suas famílias.

Equipe de Cidade

A ACO de Barra Mansa e os Engajamentos de seus militantes

Desde 1984, quando começamos a participar da ACO, passamos a entender melhor a proposta de fidelidade a Jesus Cristo e à Classe Trabalhadora.

A ACO nos deu base e formação para acreditarmos na mudança da sociedade e nos engajarmos na luta, mesmo sabendo das dificuldades que iríamos enfrentar.

Nesse período que vai de 1984 a 1996, trabalhamos muito na política, nas organizações populares e sindicais, sempre com a esperança de eleger um governo comprometido com a classe trabalhadora.

Em 1996, começamos a colher os primeiros frutos dessa caminhada.

O povo cansado de tantas promessas falsas, optou por uma nova proposta de governo, elegendo uma mulher do PT, para administrar a cidade.

Nessa luta, nós da ACO, estivemos firmes junto às CEB's, movimentos populares e sindicais, algumas Igrejas Evangélicas e os partidos da coligação. Valeu a pena tanto esforço!

Em maio de 1997, a cidade foi convocada para tomar parte nas discussões sobre o orçamento participativo. O povo corresponde. Aproximadamente 5.000 pessoas participaram com interesse, sendo eleitos pelas entidades mais de 500 delegados. Alguns militantes da ACO, também foram escolhidos: Delci, Gilsene (Nina), Ademir, Sebastião, Jormiro e Jota. Discutimos nas nossas entidades e levamos nossas propostas. Não tem sido fácil, mas com a transparência do governo e a participação de todos, estamos percebendo o crescimento da visão política dos delegados. Temos certeza de que esta é a maneira mais correta de exercer a Democracia, onde o povo participa apontando as prioridades dos bairros e do município.

Sabemos que é difícil concretizar essas obras prioritárias, pois a Administração anterior deixou a Prefeitura em difícil situação financeira. Há ainda o fato da incompreensão de pessoas que pressionaram interna e externamente querendo mudanças imediatas.

Destacamos que temos mais dois companheiros trabalhando no Governo Municipal (Jormiro e José Carlos); eles têm o desafio de contribuir para tornar viáveis as propostas de um Governo Democrático Popular e Participativo.

Os companheiros Delci, Sebastião e Ademir contribuíram para a formação de uma Comissão de Defesa do Rio Barra Mansa, sendo que Delci e Sebastião fazem parte da coordenação dessa Comissão.

Ainda temos, na Oposição Sindical Metalúrgica, o companheiro Sebastião e o Jota como Secretário do Sindicato do Funcionalismo Público, depois de ter sido Presidente do Sindicato durante o período anterior.

A ACO de Barra Mansa se sente feliz e louva ao Deus da História que caminha conosco, enchendo-nos de alegria, graça e esperança por uma sociedade mais justa e igual para todos.

Delci e Sebastião - Barra Mansa, 10/97



CARTA DO RECIFE

Companheiros e companheiras
desempregados, desempregadas,
trabalhadores e trabalhadoras do setor da economia informal

Nós que fazemos parte da AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA (ACO), Regional NE II, reunidos no Seminário realizado nos dias 30 e 31 de agosto último, na cidade do Recife, para discutir a problemática do DESEMPREGO E DA ECONOMIA INFORMAL no Brasil e principalmente em nosso Estado, definimos como prioridade, a análise dos seguintes aspectos:

1 - Nossa posição é terminantemente contrária à atual política econômica neoliberal imposta aos trabalhadores e trabalhadoras deste país, justamente porque dela persiste o alto índice de desemprego, a conseqüente redução das bases de sobrevivência da classe trabalhadora, agravando os problemas sociais e por se mostrar de forma desumana, incapaz de produzir fraternidade, solidariedade e respeito à vida humana.

2 - Repudiamos a omissão dos poderes instituídos, Executivo, Legislativo e Judiciário, em suas esferas Federal, Estadual ou mesmo municipal diante da insensibilidade ao problema e a incapacidade de prover atitudes governamentais concretas no sentido de garantir o direito fundamental aos tantos biscateiros, camelôs, trabalhadores temporários e outros, vítimas constantes das articulações maquiavélicas da tal globalização.

3 - Seguindo o nosso compromisso de cristãos e nossa fidelidade à construção de um Reino de justiça, entendemos também que o aumento dessa nova crise social que mancha o final deste século e que mergulha nosso país, nosso Estado e nossa região na condição de desprezados, não pode ser apenas denunciado por este movimento, mas precisa assumir a força e o grito de todos aqueles e aquelas que são contrários a este projeto e que assumem essa luta histórica.

4 - Expressamos nossa inteira solidariedade a todos e todas, trabalhadores e trabalhadoras que, respeitados os seus limites, buscam incansavelmente, dia após dia, sofrimento após sofrimento, saídas alternativas de organização em cooperativas, associações, grupos de homens e mulheres, inconformados com o descaso de uma elite fria, sórdida e desumana, que elege a desgraça social como prioridade de suas políticas de mercado.

Diante de todo o exposto, que sabemos não é capaz de retratar a profunda indignação, revolta, tristeza e desesperanças das tantas famílias brasileiras, dos milhares de desempregados pernambucanos, das crianças e dos jovens nordestinos sem perspectivas com a permanência dessa pauta econômica excludente, exigimos atitudes concretas dos poderes instituídos, Executivo, Legislativo e Judiciário; cobramos do Governo do Estado e das várias administrações municipais a execução de política; públicas eficientes imediatas que contemplem o direito à democracia e os direitos básicos de ser cidadãos e cidadãs desta Pátria.

Ao mesmo tempo, esperamos que esta carta seja mais uma reação viva, uma contribuição com o sonho dos inúmeros cristãos, espalhados pelas mais diversificadas

concepções religiosas, dos desempregados, das mulheres, homens e crianças, que iluminados pela fé existente em cada canto, insistem, ressuscitam e procuram vida em abundância para os tantos filhos e filhas de Deus.

ACÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA - SEMINÁRIO REGIONAL

NORDESTE II - Recife, Pernambuco.

CONSELHO NACIONAL - ACO - 22 e 23/11/97

O último Conselho Nacional desta gestão, foi um momento forte de reflexão, celebração, avaliação e encaminhamentos.

Iniciamos com uma análise de conjuntura que nos deixa perplexos com o que está por vir. E nos sentimos impelidos com a cobrança da radicalidade em ser cristão de uma militância que pense mundialmente com o texto do Nicaraguense José Maria Vigil.

Felizes em vermos continuar circulando a vida da ACO através da liberada Santinha, onde juntos programamos o primeiro semestre.

Também vimos o quanto realizamos até então e quanto temos por fazer, nosso relatório do atividades; nosso planejamento mínimo para 98 trazer nas entrelinhas muito sangue, suor, lágrimas e sorrisos.

A organização do X Congresso Nacional, coloca todos de Norte a Sul do país com as "mãos na massa". Rumamos a fechar o milênio com um saldo positivo de esperança, ira, revolta e muita ternura.

Festejamos e celebramos, respondendo presença aos que não puderam estar presentes, pois o espírito que nos une não tem fronteiras.

Compartilhamos com todos que nos lêem: a festa, a dança, e o compromisso que se renova a cada momento.

Um grande abraço, até o X Congresso!

Susana Maria Oliveira
COORDENADORA: PUBLICAÇÕES

Dois testemunhos de vida

Companheiros(as),

Permitam-me que lhes fale nesta noite da vida de um grande homem, que nasceu com a missão de ser um Profeta do Senhor. Seu nome, Antônio Inácio da Silva, ou simplesmente, Seu Antônio.

Sua infância foi a de uma criança abandonada, marcada pelo sofrimento, vítima como tantas outras, desse sistema político e econômico, que joga desde cedo milhões de brasileiros na sarjeta, sem nenhuma proteção à vida.

A tua vida, Companheiro Antônio, foi uma grande aprendizagem. Jamais uma universidade deste país seria capaz de oferecer tanto **conhecimento**. Foi nesta escola que aprendeste a distinguir o certo e o errado, o justo e o injusto, a verdade e a mentira, ou seja, quem é quem nesta sociedade. Diante da solidão **das ruas**, da falta de condições para sobreviver e do risco de entrar no mundo da marginalização, Deus te ofereceu a sua mão e aos poucos foi te devolvendo a alegria e o gosto de **lutar** por um mundo de justiça e igualdade para todos. A vida foi passando e **foste crescendo** em ciência e sabedoria. Mais tarde foi colocado em teu caminho alguém que **marcou profundamente** a tua vida, que aprendeu a te amar e com certeza tu a amaste até **teus últimos dias** neste mundo. Dona Tereza foi a princesa de teus sonhos, que Deus te deu de **presente** como recompensa pelos momentos de solidão que passaste nesta vida.

Como sempre dizias, "Dona Tereza é minha amiga, minha companheira, minha professora, minha namorada". Esse amor cresceu se fortificou merecendo a confiança de Deus, que sem dúvida, feliz com esta união, presenteou vocês dois com vários cravos e rosas que são os seus filhos e filhas formando assim uma grande família, a qual me parece bem unida e solidária.

Na verdade, criar e educar os filhos não foi fácil, mas com paciência, junto com dona Tereza, procuraste oferecer o que de melhor podias. Foste um amigo, um grande companheiro dos teus filhos. Com eles e dona Tereza, partilhaste os momentos de alegria e tristeza. Sempre procuraste oferecer a todos eles a possibilidade de conhecer a justiça, a verdade e a paz, valores que recebeste das mãos de Deus.

Com certeza vibraste quando a Ivone decidiu se dedicar a causa do Reino de Deus, junto às Irmãs da Assunção. Somos testemunhas de tua grande alegria e satisfação na celebração de profissão religiosa da Irmã Ivone. E quão grande, foi a tristeza que compartilhamos contigo e tua família naquela noite de dezembro, confraternização da ACO, quando recebeste a notícia que a Irmã Ivone tinha sido chamada para a casa do Pai. Quem não lembra, naquele momento de dor, na tarde do velório de Ivone, o testemunho que deste, emocionando a todos os que estavam lá.

Companheiro solidário, quantas vezes não saíste com dona Tereza pedindo ajuda nas casas para socorrer os vizinhos que passavam necessidade.

Somos testemunhas da tua dedicação à Comunidade de São José Operário e a todas as Comunidades do Conselho das CEBs no Morro da Conceição do Morro e Adjacências. Tu tinhas uma grande devoção à Mãe de Jesus. Com sabedoria nos ensinaste a enfrentar os opressores sem ódio mas com justiça e assim nos ajudaste a construir uma igreja, não baseada no poder, mas dedicada ao serviço dos pobres, uma igreja irmã dos injustiçados, portadora da Boa Nova.

Na Ação Católica Operária revelaste de maneira nitida a tua fidelidade a Jesus Cristo e à Classe Trabalhadora. Nas reflexões coordenadas por ti nos revelaste a alegria e a **esperança**, contribuindo para a eficácia da nossa ação frente às injustiças sociais, em defesa da vida. Lembro-me muito bem quando, ao passar o mandato de Tesoureiro Regional, disseste: "Josenildo cuide bem do dinheiro da ACO! Ele é conseguido às custas de muito suor".

A tua maneira de ser dentro do Movimento, conquistou a amizade de todos. Mas na verdade, eu quero chamar a atenção nesta noite para a tua simplicidade de vida, e a propriedade com que falavas das coisas de Deus e do Evangelho de seu Filho. Quando

te visitei no hospital na cidade de Caruaru, junto com Maria de José, mesmo doente, falaste da felicidade que sempre sonhaste para toda a humanidade e da necessidade que temos de construir amizades, ter milhões de amigos. O teu exemplo de vida é uma escola para cada um de nós.

Meu grande companheiro, roga a Deus por nós para que nossas vidas estejam sempre a serviço de um mundo de justiça e felicidade. Obrigado pela tua vida... Obrigado pelo esposo e companheiro que foste para Dona Tereza... Obrigado pelo pai companheiro e amigo que foste para os teus filhos...

Obrigado pela tua fidelidade a Jesus Cristo, à ACO e à Classe Trabalhadora... Te pedimos perdão por todas as vezes que fizemos alguma coisa que não foi do teu agrado. Permite-me que te chame de meu amigo.. Antônio, companheiro, adeus! Até o dia em que, pela graça do Pai, nos encontraremos na grande festa que Jesus prometeu a todos nós.

Obrigado amigo!

Texto escrito por Josenildo na ocasião da celebração de 7º dia de Seu Antônio, militante da Ação Católica Operária - ACO NE II

A VIDA NAS BASES DA ACO Região Norte

IMPERATRIZ



Em Imperatriz fiquei na casa de Sebastião, com 4 filhos e esposa. Atualmente trabalho temporariamente na Secretaria de Obras do Município. Houve acolhida, onde tivemos a oportunidade de conversar sobre a importância da colaboração financeira para o Movimento. Mesmo ganhando pouco, pode-se colaborar, dizia ela, Ieda; gastamos com coisas supérfluas.

À noite fiquei na casa de Aquino, onde pude sentir a preocupação da família em relação à saúde de Aquino que há 3 meses não dá notícias. Segundo Linda, sua esposa, Aquino não está bem. Hoje a família passa por dificuldades, desestruturou e ficou muito difícil termos uma conversa bastante longa onde estávamos.

Sebastião, Linda e Raimundinha, foi muito bom ouvir e sentir de perto a situação. Linda dizia que com a saída de Aquino aconteceu muitas coisas, mortes inclusive; seu pai faleceu em um mês e Aquino nada sabe. As coisas começam a se encaixar devagar, apesar das preocupações; muitas dívidas, conforme afirmaram pessoas que passaram por aqui.

Negão e Raimundinha, militantes:

- A situação continua preocupante, só na esperança de que as coisas melhorem. Mas hoje a gente pergunta: - Cadê Aquino que viveu 11 anos na ACO? - Disse sua

filha. E Linda chorou depois de fazer algumas colocações.

Dormi e foram bem atenciosos. Linda trabalha das 7:00 às 19:00 h, não tem muito tempo, mas falou que quando puder participar dos encontros, os filhos estão quase todos já colocados em alguns empregos.

No outro dia, fui para a casa de Raimundo, onde tive a oportunidade de conhecer sua família. Solteiro, professor, fez concurso e está sendo chamado para assumir a profissão em uma escola. Mora com sua mãe, duas sobrinhas e uma irmã, empregada. A acolhida foi ótima, almocei e conversamos um pouco para conhecer a família e um de seus irmãos nos acompanhou para a reunião, na casa de Arnaldo.

Na casa de Arnaldo às 15:00 horas: - Começamos a reunião com a presença de Sebastião, Raimundinha e Raimunda, logo depois chegou Sida. Demos início à reunião fazendo algumas colocações sobre as dificuldades da família de Aquino. Sida é a mais nova militante, funcionária pública, tem 1 filho e está conhecendo aos poucos o Movimento, mas tem muito a contribuir.

Em casa de Arnaldo que está tirando seu dia de folga e ainda estava fora em um lazer com a família. Nós fazíamos o pequeno encontro, mas os militantes colocavam um desânimo muito grande.

A ACO hoje, não está vendo nada. Só ainda se tiver Movimento, e quem faz o Movimento em termos de finanças não tem como ajudar; a nossa associação está quase parada. Não vejo saída para a ACO, a dificuldade maior é financeira.

A ACO de Imperatriz, dizia um militante, falta tudo isso, mas falta muito interesse; se a Equipe tem alguém que encaminhe todo mundo vai, se não, fica tudo parado.

Calendário - não foram cumpridas as atividades planejadas, não nos entrosamos na paróquia.

Não podemos introduzir a níveis de Movimento, por não ser um Movimento de CEB's, mas de trabalhador independente, autônomo. Qual o limite da ACO? - Não tem limites, não tem fronteiras, iremos até onde nossas pernas alcançarem dentro dos engajamentos políticos, popular e sindical. O Movimento está difícil, as pessoas motivadas também desanimam.

Arnaldo chega a participar da reunião fazendo suas colocações. A Equipe cometeu falhas, não pode se culpar ninguém, mas no conjunto, está o não cumprimento do calendário. A ACO precisa de uma auto-avaliação. Falta responsabilidade; quando a equipe é grande é melhor dividir os trabalhos, mas quando pequena, temos que assumir.

A questão de trabalho é outra; sentimos a presença de Arnaldo quando fazemos um trabalho mais prático e mais fácil; acho o Movimento com bom questionamento, falava o militante; o que falta é fazer um trabalho mais prático.

Associação também precisa de trabalhar mais concretamente, trabalhar como temos em parceria, até com igreja falta estudo de base.

Agora a realidade é outra e não podemos fugir da dependência de trabalhar 24 horas para sobreviver; há desemprego. A ACO de Imperatriz não é o caso de: "não quer não pode". Temos muito em vista, "o não posso, não faço, um esforço, o importante é você."

Vamos ter que trabalhar pelo Movimento. Sempre tivemos (militantes) prioridade para a ACO. Se hoje eu sobrevivo graças a ACO, a situação é que de um lado está o trabalhador, do outro os tubarões.

Alguns militantes novos contribuem para a viagem do seminário; isto mostra força de vontade do militante em colaborar. As coisas não acontecem; é preciso que se faça: só o que participa e o que tem conhecimento do que é a situação; queremos ver o movimento crescer; temos boa vontade, temos preocupação. Nossa equipe era maior, mas também alguns não estavam comprometidos com o Movimento; por isto saíram quase todos. Já tivemos até 12 militantes, mas na realidade nunca estivemos juntos. Hoje sobrevivemos com a preocupação: - Reunião? Movimento fraco, militância, parece que falta o que? - Coragem, força, nós acreditamos que temos força e que podemos.

Não podemos desanimar diante das crises, cruzar os braços é pior. Acredito que a ACO já passou crise mais difícil e sobreviveu, são as desafios da vida; não é agora que vamos parar em frente às dificuldades.

Encaminhamentos:

1 - Fazer visitas à família de Aquino. 2 - Rever calendário. 3 - Fazer um encontro com o tema: - "O DESEMPREGO E A ECONOMIA INFORMAL". Levando o trabalhador a resgatar sua identidade. 4 - Participação do "GRITO DOS EXCLUÍDOS" - Militantes presentes: Sebastião, Raimundo, José, Sida, Raimundo Reis, Arnaldo, Eliete.

RELATÓRIO DA COORDENAÇÃO REGIONAL DA ACO DO PARÁ - 06/07/97

LOCAL: Bengui. **Casa de Maria do Livramento.** **PAUTA:** **Leitura** - A fé de Jesus provoca decisão. - Reflexão da leitura J, 6, 60, 65. - Informes. - Colocação da Coordenação.

Reflexão - ação acontece sempre no pequeno grupo de Jesus Cristo; são esperanças; mudança e experiências a partir da Fé. Na época da ditadura eles se reuniam em pequenos grupos, e agora nós nos reunimos novamente; os pequenos grupos desestimulados; pois passamos por uma crise.

O povo de Jesus também passou por dificuldades; cabe a nós não desanimar, e procurar alternativas para levar a luta adiante; Jesus Cristo destinou este caminho aos seus Apóstolos; basta acreditar no que falava Jesus.

Saindo da Fé para a missão existe uma crise que desestimula o movimento; nós temos que nos organizar como a leitura mostra que havia aqueles discípulos teimosos; assim como nós, se não formos teimosos não chegaremos a lugar nenhum. Temos que nos preocupar como está andando o Movimento, porque todos nós temos responsabilidade, pois se desistimos, todos nós estamos sujeitos a cair.

Colocação: - precisamos fortalecer as bases para podermos resistir; não dá para criticar sem contribuir. Marabá está amarrado, Benguí não cresceu, Terra Firme com dificuldades. Tudo isso é falta de RVO. Para se fortalecer, um tem que ajudar o outro;

para não haver desgaste e outros carregando a "cruz" sozinhos ou seja, todos precisamos assumir tarefas.

Observando a Coordenação, está dispersa, falta engajamento; podemos ver que tudo que é trabalhador, é mantido pelo próprio trabalhador.

Articulação da Coordenação: - não é tarefa da coordenadora fazer tudo; como bancar seminários, é gastar muito sozinha.

Souza teve muita dificuldade, mas está conseguindo fazer seu trabalho. Com a Coordenação dispersa, dividida, não é por isso que a gente vai abaixar a cabeça; vamos ver o que tem para fazer.

- É falta de RVO?
- É enfraquecimento da Coordenação?
- É por que não se age?

Nós temos meios de nos comunicar; o importante é a gente se unir no trabalho para podermos nos organizar e planejar o que queremos. Quanto à ACO, está claro o seu papel como militante. Souza diz: - "nós temos que ajudar a Zélia, porque ela precisa de ajuda". Vamos marcar uma reunião para fazer um planejamento.

Informes - Raimundinha informa que em Marabá e Santa Rosa as equipes estão estagnadas.

O Assistente está desanimado com a ACO. Lúcia desanimada propondo troca de Assistente; e porque não unir as forças fazendo uma só equipe?

Marabá passa por dificuldades; seus engajamentos, suas motivações, não conseguem nem ser um grupo de fato; não desperta o potencial esperado.

Zélia colocou que está sentindo muita dificuldade. Ela diz que não é "cachorrinho de presépio"; acha que os trabalhos dela estão sendo feitos por outras pessoas e até pensa entregar a Coordenação.

Raimundinha foi à Imperatriz, ela foi à casa de Aquino e o mesmo não se encontra lá e ninguém sabe nada dele. Depois vem o relatório completo.

Ana Tereza Baia Teixeira
SECRETARIA REGIONAL - NORTE

ACO PARINTINS - 22/02/97

A oração foi iniciada por Luiz Henrique, e concluída com o Pai Nosso.

Quanto à Semana do Trabalhador, a CPT está encabeçando e a ACO ia aderir. Inicia com uma semana antes do dia 01/05, finalizando com o "O DIA DO TRABALHADOR".

Será uma programação incluindo entidades afins, tendo repercussão formativa e consciente nos colégios, bairros e igrejas. Auxiliadora lembrou que o Emílio ficou de vir na reunião para o "DIA DA MULHER" - 08/03, pois a ACO estará marcando presença.

Luiz Henrique - lembro que a ACO está dando apoio à Feira dos Trabalhadores Rurais, às segundas-feiras no quadro da STR, mas eles querem uma melhor assessoria sobre os direitos dos trabalhadores rurais. Quanto a melhoria desse espaço, projeta-se

que se cubra parte dele com palha (barracão) para uma melhor exposição dos produtos. Será feito com a colaboração das entidades afins e de comunidades rurais.

Quanto ao diretório do STR, como irá encaminhar o pagamento dos que trabalham na sede do Sindicato? Não se responde a essa questão. A nova chapa está encabeçada por Ivan Natividade. Até esse momento era chapa única, o resto da chapa é composto por Raimundo Carvalho, Sérgio Munis, todos da ACO e do PT, que por sinal é muito bom.

Foi lembrado por Pe. Manuel que a ACO nunca deverá abandonar o STR e o vereador Messias do PT, para que haja colaboração, enriquecimento, questionamento e trocas de experiências entre as partes.

A ACO de Parintins, gostaria que a ACO - Nacional apoiasse mais, não se sabe como e de que jeito.

CORRESPONDÊNCIA

Diante da proposta dos alemães de quererem abrir uma discussão em torno de algo próprio da Amazônia, onde eles possam assumir. Seria boa ajuda para ACO e os amazonenses. Fala-se em criar uma padaria comunitária, serralha ambulante. Mas seu Luiz lembrava, que eles falavam em algo para consumir. Ver como a ACO - Nacional acompanha essa questão. Seria exportação de frutas e algo semelhante... produtos tropicais: é necessário estar mais organizados em associações, cooperativas...

Visita do Liberado, em maio de 1997, ver a possibilidade de progredir e organizar bem essa visita.

Encerrou-se a reunião com a leitura de Mc, 9, 2-10.

Pe. Manuel do Carmo

ACO - MANAUS - AM

COMUNIDADE SANTA RITA - CIDADE NOVA - 09/02/97

Após a celebração da palavra na Igreja de Santa Rita de Cássia, na Cidade Nova, Ribamar fez a abertura ao Encontro, seguida da apresentação dos presentes:

Ribamar - ACO - trabalha na PHILCO

Abraão - menino de rua

Sebastiana - Apostolado de Oração do Lirio do Vale - ACO - aposentada;

Irmã Celeste - Missionária da Imaculada;

Antônia - Comunidade Santa Rita - desempregada;

Irmã Maria do Carmo - Missionária da Imaculada;

Oleniva - Comunidade Santa Rita - professora;

Narciso - Comunidade Santa Rita - desempregado - ACO;

Marlene - Comunidade Santa Rita - empregada doméstica;

Lourdes - ACO - professora;

Ambrósio - Comunidade Santa Rita - cobrador de ônibus;

Gino - Comunidade Nossa Senhora Auxiliadora;
Emilson - Comunidade Santa Rita - desempregado;
Marly - Comunidade Santa Rita - doméstica.

Após a apresentação cantamos: "Bastariam dois pães e dois peixes...". Seguidamente foi feita uma exposição sobre o que é a ACO, e sua expansão.

Havendo bastante intervenções por parte dos presentes, troca de experiências de um grupo para o outro, tanto no do Lírio do Vale, como no de Redenção e Nossa Senhora de Fátima. O trabalho de Ribamar como presidente da Associação de Moradores da Comunidade Nossa Senhora de Fátima, não só está levando a organizar os moradores, como também, já conseguiu algumas conquistas para os mesmos. Foi também discutida a criação do grupo de Riacho Doce (Santa Rita de Cássia - Cidade Nova), para uma melhor ação na comunidade. Ribamar se comprometeu enriquecer com sua experiência.

As Irmãs Celeste e Maria do Carmo se comprometeram em acompanhar o grupo de Riacho Doce após sua criação.

Foi lembrado pelo Pe. Manuel do Carmo, a visita do Liberado João Joaquim (Negão), no mês de maio de 1997. Após a leitura da carta dos alemães foi encerrada a reunião.

Obs.: Irmãs Celeste e Maria do Carmo - R. Soriano, 45 - Cidade Nova I
69.095-180 - Manaus - AM - Tel.: (092) 645-1318

PE. MANUEL DO CARMO

ACO - REDENÇÃO - MANAUS - AM

14/01/97

A reunião começou com a abertura feita por Luiz Alfaia, seguida da oração feita por Sebastiana, do Lírio do Vale.

Luiz lembrava a permanência da companheira Lourdes definitiva em Manaus, deixando Parintins. Alegria e ganho para o grupo. Atuará na região da Cidade Nova.

Dia 19 de janeiro de 1997, Luiz lembrava o encontro da Cidade Nova para reanimar o grupo. Ele, Luiz, foi para trabalhar em Parintins pela empresa durante meses. "Esse afastamento me deixa, também, preocupada com o grupo de Redenção e Manaus.

Lembrou a animação do Ribamar após sua volta do Rio, que por sinal está querendo articular a ACO em outras cidades: Itacoatira e Manacapuru. Na sua estada em Parintins verá se vai até ao Mocambo, fazer uma visita aos companheiros, que segundo informações estão indo bem. Discutia-se o nome de uma pessoa para animar o grupo de Redenção; durante esses 3 meses indicou a Alcinéia, e o grupo aceitou. Lembrou que entrou em comunicação com Belém - PA. Há dificuldade, mas não devemos desfalecer, e sim ir para frente.

Veja que Belém conseguiu eleger o prefeito do PT e também alguns vereadores. Esses contatos são muito importantes, não só com Belém, mas até mesmo com o exterior; lembrar o caso dos alemães que vieram visitar o grupo. Não se descartou a possibilidade de ir a Belém alguém do grupo.

Bazinha lembrou a ida do Ribamar ao Rio de Janeiro, como ouvinte do Conselho Nacional. Voltou muito animado para reanimar os grupos existentes, até criar novos grupos. É muito importante essa reanimação para organizar o Mini-regional do Amazonas.

Quanto à reunião da Cidade Nova, não apresentaram muito interesse por estarem muito ocupados. O problema é a sobrecarga do trabalho com as coisas particulares, melhorias de habitação nos fins da semana. É necessário encontrar um lugar, se possível aproveitar espaços de igrejas.

Lourdes ficou responsável de contatar com o pessoal da Cidade Nova e se comunicar com a Sebastiana e Alcinéia para definir o dia do encontro. Foi discutido a possibilidade de um encontro dia 09 de fevereiro de 1997, com o Pe. Manuel do Carmo.

Em seguida foi feita uma colocação pelo Pe. Manuel do Carmo sobre a "luta pela vida e pelos meios de vida", a partir dos direitos dos pobres e excluídos na ótica da Bíblia. Assim como foram dadas algumas notícias da ACO do Rio de Janeiro.

Lourdes lembrou que Parintins elegeu um vereador do PT, Mário Cursino. Na tentativa de subornar um vereador por parte do prefeito eleito, Carlinho de Carbaz Messias, renunciou a uma boa soma em dinheiro. No governo atual de Parintins, até a momento já estavam desempregados da Prefeitura, 380 funcionários. Os garis foram substituídos por trabalhadores de empresa do Prefeito. Carbráz, empregou alguns desses demitidos.

Os funcionários demitidos procuram até o Sindicato dos Professores para se associarem, em busca de seus direitos. O Sindicato está reagindo em defesa dos demitidos.

Após trocas de experiências e a oração final, foi encerrada a reunião.

PE. MANUEL DO CARMO

Região Nordeste II

III SEMINÁRIO SOBRE ECONOMIA INFORMAL DA ACO - NE II - 30 E 31/08/97

"Só publicamos a parte do JULGAR e do AGIR e a Carta ao Público, uma síntese do Seminário e compromisso de luta .

Começamos o nosso Seminário no sábado 30/08 às 08:30h, com uma apresentação muito criativa e animada por cada cidade, animada por Téia (Recife) e Cida (Paulista).

A mesa formada por Zé Francisco (Paulista) e Santinha (Petrópolis), iniciou os trabalhos, lendo a pauta do dia e em seguida foi realizado um momento de reflexão, coordenado pelas equipes de Escada a partir do Evangelho de Lc 11, 1-4, e terminando o Pai Nosso contextualizado na realidade de hoje. Na reflexão foi utilizada uma escada na qual foram colocados vários símbolos simbolizando a luta dos trabalhadores(as) de Economia Informal.

JULGAR

- 1 - Trabalhadores não aguentam mais o aumento da pobreza no país;
- 2 - Exigir do poder público punições para os exploradores do povo;

- 3 - Privatizações;
 - 4 - Demarcações de terras/incêndios nas florestas tropicais/desrespeito ao homem do campo;
 - 5 - Declarações ameaçadoras do Presidente na TV - "As baionetas estão prontas".
- ACO responde: as mesmas sempre estiveram prontas.

PALAVRA DO ASSESSOR: Pe. - Reginaldo Veloso, Assistente Regional do NE II.

O ALERTA DE NOSSOS BISPOS

Resumindo e realçando os conteúdos da "CARTA DOS BISPOS AO POVO DO BRASIL" de 16 de abril de 1997.

1- A PERSPECTIVA DE UM NOVO MILÊNIO

No dia 31 de dezembro de 1999, estaremos encerrando, não somente mais um século, o século XX, mas também um milênio, o segundo Milênio da Era Cristã. Quando os ponteiros do relógio marcarem a meia noite, estaremos entrando não apenas em um novo século, como também iniciando um novo Milênio. Passar de século, e muito mais ainda, passar de milênio, é uma experiência desencadeadora de energias, capazes de provocar os processos mais diversos, quer de fermentação libertadora, quer de perigosa alienação. Os Bispos reunidos na sua Assembléia anual em Itaici, município de Indaiatuba, São Paulo, na carta dirigida ao Povo, datada de 16 de abril deste ano, lembram que para nós cristãos o ano 2000 é jubileu: "2000 anos de nascimento de Jesus"! Ora, o jubileu bíblico, dizem os bispos, tem como objetivo o perdão das dívidas, a restituição da liberdade e a restauração do projeto inicial de um país, onde todos possam viver com dignidade. Como se lê no capítulo 25 do Livro Levítico, "no dia da exploração vocês façam soar a trombeta (yobel, em hebraico) no país inteiro. Declarem santo o quinquagésimo ano e proclamem a libertação para todos os moradores do país. Será para vocês um ano de júbilo: cada um de vocês recuperará a sua propriedade e voltará para a sua família (...) Ninguém de vocês explore o irmão, mas temam o Deus de vocês, porque eu sou o Senhor, o Deus de vocês" (Lv 25, 9-10.17). A caminho de um novo milênio, reafirmando a importância e a urgência de iniciativas e programas que resgatem a imensa dívida social de nosso país para com a maioria de nosso povo, visando a conquista da cidadania e a construção da democracia", dizem os bispos. Além disso, lembram duas importantes coincidências: os 500 anos da chamada "Descoberta do Brasil" e os 50 anos da "Declaração Universal dos Direitos Humanos".

Para nós, militantes trabalhadores cristãos, é importante sintonizar com esta onda no Novo Milênio, como **um momento de graça**, um momento de fazer valer a ação libertadora do Evangelho, um momento de dar novo impulso e eficácia à nossa militância no meio dos companheiros de trabalho, nas lutas dos Movimentos Populares, Sindicais e Políticos: encontrar novas formas de organização e de luta, que façam do jubileu, do ano Santo, um tempo de transformações profundas na vida dos indivíduos e da Sociedade, especialmente a bem de todos os excluídos, todos os "sem" terra, trabalho, alimentação, moradia, saúde, escola, segurança, etc. Os que somos cristãos católicos estamos sendo convocados pelos nossos Bispos, nesta passagem de século e de milênio a dar a nossa contribuição de trabalhadores ao "surgimento de **uma nova civilização** que cultivando a sobriedade e a partilha, respeite e valorize a vida, grandeza e os limites da natureza". Ao afirmarem que "não podemos ficar indiferente à marginalização de milhões de pessoas

e a tantos crimes cometidos contra a vida no Brasil e em outros recantos da Terra", eles nos desafiam como militantes, trabalhadores e cristãos.

2. A CONJUNTURA E OS TRABALHADORES

* Antes de tudo, os bispos trazem "de volta ao cenário político e à consciência da Nação os massacres ocorridos em Eldorado dos Carajás e Corumbiara. Não podem cair no esquecimento e seus autores permanecer acobertados ou beneficiados pela impunidade".

* Ao chamar a atenção para a atuação ilegal e criminosa de policiais, os bispos advertem que a violência ultrapassa as limites das corporações policiais ou do comportamento da polícia. A violência perpassa toda a organização social, e é consequência da política econômica geradora de uma das maiores concentrações de renda do mundo. Enquanto milhões de famílias de trabalhadores são condenadas a sobreviver com um salário aviltante e injusto, governantes e outros altos servidores decretam em seu próprio favor, um teto salarial que é uma afronta à maioria do povo

* Os bispos afirmam que o trabalho escravo está em constante aumento em vários estados brasileiros e esperam providências enérgicas e urgentes contra este abuso.

* Os bispos levantam uma preocupação a respeito da proposta de legalização do trabalho aos domingos, pois acham eles ocasionará maiores dificuldades e transtornos para a vida familiar, religiosa e comunitária e o justo lazer.

* Os bispos denunciam o que eles chamam de "quadro crônico de exclusão e de miséria" em que tentam sobreviver milhões de brasileiros, especialmente crianças, afirmando categoricamente que este quadro é hoje consequência direta da ordem econômica neoliberal, que sobrepõe o lucro e o capital à pessoa humana, ao trabalho e ao bem comum. Descartando de forma impiedosa os mais fracos ou com menor capacidade, exercício da cidadania a milhões de indivíduos, provocando novas ondas migratórias dentro do próprio país e para o exterior, e o acesso ao desenvolvimento a povos que jamais conheceram a emancipação econômica.

* Os bispos constataam ainda que países do "Primeiro Mundo", diante dos danos causados aos grandes contingentes de trabalhadores pela nova ordem econômica internacional são atenuados, pelas conquistas e garantias dos direitos sociais, como salário-desemprego e seguro social. Enquanto isso, entre nós, além de insuficientes e precárias, as políticas sociais compensatórias têm sido afetadas pelos cortes orçamentários e outras medidas impostas pelo processo de saneamento da economia e estabilização da moeda.

Com maior contundência ainda, os bispos prosseguem: "sem negar a importância e os benefícios de uma economia que não seja corroída pela inflação, não se percebem decisões políticas e planos de ação governamental destinados a reverter o quadro de exclusão. Enquanto mais da metade da população economicamente ativa, foi empurrada para a economia paralela ou sofrem as amarguras do desemprego, assistimos a uma apropriação privada, improdutiva e indevida de bens sociais protegida pela imunidade ou impunidade, através de encaminhamentos excusos na aplicação das finanças públicas e no trato da dívida pública, e de protecionismo ao setor financeiro com recursos dos fundos públicos.

3 - APELOS E PISTAS DE AÇÃO

* Antes de tudo, sentenciam os bispos, nossa consciência ética e cristã não pode

aceitar a interpretação e os rumos dados pela economia neoliberal à globalização. O empobrecimento do povo deve ser aceito como custo inevitável do desenvolvimento econômico.

* Depois insistem é urgente a definição de novos modelos de desenvolvimento econômico, pois cabe-nos a todos empreender uma ação sócio-transformadora direcionada a toda a sociedade, mas com atenção prioritária aos mais pobres.

Para tanto, será necessário definir uma agenda social com prioridades e metas concretas, de comum acordo estabelecida e assumida pelos Governos, em seus vários níveis e ramos, pelas diversas instituições e organizações sociais, famílias e indivíduos.

Antes de qualquer outra coisa urgimos, dizem os bispos, a implementação do Plano Nacional de Direitos Humanos.

* Uma sugestão bem concreta e precisa: a necessidade de se desencadear um processo firme e amplo de democratização da terra, através de Reforma Agrária e de política agrícola adequada: é coisa que, já de partida, conta com a adesão da opinião pública e o respaldo das novas Leis do Imposto Territorial e do Rito Sumário e no final das contas, resultará em novas oportunidades de trabalho e distribuição de renda, melhoria da qualidade de vida e efetivo combate à fome e à indigência.

* Em seguida, três prioridades colhidas nas mensagens quaresmais do Papa João Paulo II, dirigidas à Igreja e a todas as pessoas de boa vontade, erradicação do analfabetismo, combate à fome e garantia de moradia. Exigência da justiça e da fraternidade, são graves problemas de nossa realidade.

Mais uma vez, os bispos cobram o reconhecimento, respeito e atendimento dos direitos e reivindicações dos Povos Indígenas... e reclamam providências enérgicas e urgentes contra o trabalho escravo, a aplicação de medidas previstas nas leis que regem o país para fazer cessar a violência policial que a Defensoria Pública ofereça aos presos serviços especiais que garantam seus direitos, bem como que não falem programas de educação profissionalizantes.

* Finalmente, reconhecemos que a participação nos Conselhos Partidários e nos processos de fiscalização das políticas públicas, especialmente através do orçamento participativo, tem se revelado caminho de cidadania e de democracia em vários municípios brasileiros.

4. APELO FINAL

“Caminharemos pois para um novo milênio de cidadania e democracia de vida com dignidade, participação e corresponsabilidade de toda a. Queremos um Brasil sem fome e sem violência, parceiro na construção de um mundo justo e solidário”. Como motivação e incentivo, os bispos lembram que “um olhar sobre a História revela que nosso povo caminha na esperança”.

Além disso, como prática constante e nova de acolhimento e solidariedade, há testemunho de sua grande fé no Deus Vivo.

Finalmente vem retomar essas palavras antigas e sagradas como luz e apelo para nossas consciências e nosso desempenho como militantes operários e cristãos daqui pra frente...

Para melhor aprofundar a prioridade escolhida pela plenária, foi formado um painel de debate com os seguintes militantes

- | | |
|-----------------------|---|
| * Jatobá - Marlúcia | * Petrolina - Zé Roberto |
| * Cabo - Cleodon | * João Roberto - Geovane |
| * Escada - Cinelândia | * Recife - Sr. Antônio (como assistente) e Téia |

* *Escada* - através dos movimentos se adquire forças para se refazer, organizar e ajudar ao próximo.

* *Cabo* - devemos lutar nos nossos engajamentos e continuar sendo fermento.

* *Recife* - nós, militantes, estamos fazendo algo, mas as dificuldades são maiores e encobre as ações realizadas. O Reino de Deus é conflitivo, e é bom que seja assim.

* *Jatobá* - o avanço e o uso da tecnologia são rápidas demais e devemos nos preocupar em apresentar soluções concretas para a população. O povo está cansado de promessas e conversas fiadas.

* *João Pessoa* - apesar das piadas que escutamos e do desânimo que encontramos, deveremos ser perseverantes continuando a luta. Estudamos muito, mas continuamos incapazes de enfrentar a mercado informal, porque a Escola Pública está muito longe da nossa realidade.

A partir do painel a plenária foi dividida em vários grupos para trabalhar a seguinte questão:

- A partir das prioridades enquanto trabalhadores, cristãos e militantes, como avaliar o nosso desempenho a respeito do agir assumido nos últimos seminários? Como encarar o desafio que nos parece prioritário daqui por diante? Fazer referências bíblicas.

RESULTADO DOS GRUPOS

Leitura do livro das Lamentações - Cap. 05, 01 a 14.

* A Escada trazida ao encontro não está simbolizando a cidade e sim a economia informal. Devemos ter fé e força de vontade.

Deus disse - "no mundo vocês irão encontrar muitas dificuldades"; só que, Jesus venceu o mundo. A nível nacional discute-se o mercado informal; ele é complexo.

Por isso vê-se a importância da solidariedade. O mundo está em crise. A economia informal veio para ficar muito tempo. Enquanto este projeto estiver sendo implantado, temos que ter projetos alternativos.

* Os filhos das trevas são mais capacitados do que os filhos da luz. Existem políticas que pertencem às trevas. Falta-nos informação, consciência e capacitação técnica.

* A tua fé te salvou. A nossa fé tem que ser constantemente renovada. Ter fé é acreditar. E a fé é a mística que nos move. Esta ação deve ser de todos: católicos, evangélicos, etc. Todos devem ter o mesmo objetivo de mudança e de transformação.

É importante termos estas angústias, com isso estamos tomando consciência, formando a nossa própria história. A solidariedade é necessária como também, a ciência

e a persistência. É preciso fazer constantemente auto-avaliação das nossas ações. Parece que o ponto de partida não é nenhum desses, não sabemos por onde começar.

Se construirmos uma casa com base sólida, ela não cairá. Falta-nos formação para prosseguirmos na caminhada e colocarmos as teorias em prática.

ASSESSOR - Pe. Reginaldo

* Jesus Cristo falou: - "*Quem quiser ir embora que vá*"; devemos refletir sobre esta mensagem.

* O povo está descrente - talvez o caminho seja a religião.

As dificuldades parecem ser maiores, a sociedade está mudando rapidamente, não sabemos o que fazer.

Há muitas pessoas suicidando-se. A maneira de reverter este quadro é a solidariedade. Leitura de Lucas capítulo 16, 08.

* Cabo - mudar a pedagogia da ACO para atingir grupos

- conhecer melhor a realidade;

- fazer um levantamento entre as pessoas do Mercado Informal sobre as suas inquietações para depois construir a meta.

* Recife: - manhãs de formação sobre a informalidade, melhorar as informações sobre este e outros temas;

- investir na RVO - com relação à realidade informal.

* Petrolina / Jatobá: - eleger prioridades, capacitação, informação;

- buscar apoios de outras entidades (universidades - órgãos públicos, etc.).

AMARRAÇÃO - TON

O agir é a parte mais difícil e mais importante, não desmerecendo as outras partes.

Esse movimento, não pode ser um movimento de fachada, onde falamos e não assumimos. Vamos entrar no novo milênio sendo passivos ou ativos?

AGIR DO REGIONAL

Seminários de formação, capacitação técnica com assessoria especializada (jurídica, cooperativa, geração de renda, etc.) .

* Comissão de formação;

* Apoio de entidades afins, universidades, ONG's;

* Assumir a luta pelas crianças e adolescentes;

* Acompanhar os pobres legislativos: Municipal, Estadual e Federal;

* Adquirir instrumentos musicais.

Secretaria Regional



Região Sul

EQUIPE INTEGRAÇÃO E RIO BRANCO - ACO RS

OBJETIVOS para os 4 anos:

- * EXPANSÃO.
- * ENGAJAMENTO,
- * RVO,
- * FORMAÇÃO.



O QUE FOI FEITO?

EXPANSÃO: foi criado um grupo - Nina, Werner e Ilse e alguns contatos importantes com João, Iolanda, Nina e esposo.

Foram feitos vários contatos que ainda não obtivemos muito sucesso, mas que com certeza teremos de continuar na luta.

Perdemos alguns companheiros, por motivos diversos (Valmor, Tosico e Izidoro).

ENGAJAMENTO: cada membro contribui com engajamentos diversos: política, sindical, movimento popular, saúde, moradia, transporte, secretaria das mulheres, liturgia e cantos na Igreja, Comissão Municipal, Ação e Cidadania.

REVISÃO DE VIDA: Revisão dos engajamentos e ações são feitos em todas as reuniões mas ainda deixamos a desejar na Revisão de Vida Operária. Esta deve ser mais específica, que acabou acontecendo uma vez por ano.

Pessoas envolvidas com ACO

Mas não são da ACO (10 pessoas envolvidas com canto e Liturgia).

FORMAÇÃO: a equipe participou de vários seminários. Após a avaliação feita, a mesma decidiu que faria trabalhos de base sobre saúde, alcoolismo, drogas, etc...

SUGESTÕES DE TRABALHO PARA OS PRÓXIMOS 4 ANOS

- * Continuar investindo na expansão, nos engajamentos e em formação.
- * Fazer a RVO mais aprofundada e mais frequente.
- * Discutir com as equipes a necessidade de um semi-liberado (cidade).



REPÚBLICA DOMINICANA

Sônia - agosto de 1997

Na segunda semana, os membros do Buro dividiram-se: Cleuza e Norbert retornaram à Bruxelas para outras reuniões. Laurent Kamata e Jean Michel foram para Gonaive, cidade ao norte do país. Michel Roncin e eu, acompanhados de Reymonde minha tradutora e Jacques Petidor viajamos à República Dominicana para a reunião da Coordenação do Caribe. A ida, na segunda-feira foi razoavelmente tranquila. Tomamos um micro ônibus com ar condicionado, e após oito horas de muita música (salsa e merengue) altíssima, repetida de endoidecer, atravessamos a fronteira perto de Porto Príncipe, e na fronteira contornamos um lago, numa região tão árida quanto as caatingas do Nordeste Brasileiro. A paisagem era de chique-chique, florestas de mandacaru e palmas, espinheiros, nada de vida nem água além do lago cercado de rochas brancas como cal. Chegamos em São Domingo, à noite e Jacques nos levou a um hotel muito precário e que também não havia luz nesta parte da cidade. Dormimos mal devido ao calor e ao barulho, no dia seguinte seguimos para Santiago. Aqui a paisagem um pouco para melhor. Já se vêem fazendas de café, rios, estradas largas e cheias de caminhões. Três horas depois chegávamos ao destino. Encontramos Adriano e sua família. Tivemos contatos com movimentos populares nos quais estão inseridos. Uma militância fortemente engajada. Ficamos alojados numa casa dos Salesianos, muito boa, confortável, onde a reunião aconteceu. Devido a impossibilidade de nos comunicarmos com os companheiros, não conhecíamos o programa preparado para nossa visita. Havia preparado uma festa para o final, que tiveram de cancelar e acomodar outras atividades previstas, que coubessem no tempo disponível a fim de voltarmos a tempo ao Haiti, de onde partiam nossos vôos. A reunião foi muito proveitosa, foram dois dias, visitamos entidades e pessoas ligadas ao MTC. Viajamos até ao extremo norte Porto Plata, para visitar o bispo daquela Diocese. Fizemos visita também ao bispo de Santiago, que comprometeu-se a designar padres e pessoas para ajudarem ao Movimento.

A realidade dos trabalhadores em República Dominicana não é diferente da dos haitianos. Os problemas são os mesmos. Não há organizações sindicais, é grande o desemprego, são 70% na Economia Informal, trabalho precário e sem qualquer segurança, nas Zonas Francas (última moda dos empresários dominicanos) cuja estabilidade é de apenas dois meses sob regime de semi-escravidão. Não há transporte coletivo, nem coleta de lixo, nem redes de esgotos, nem água, nem energia elétrica. A parte da ilha que divide com o Haiti, tem o dobro da extensão daquele país com uma população ao redor de 14 milhões. Santiago é a segunda cidade com aproximadamente 4 milhões de habitantes.

São Domingo chega aos 6 milhões. Aqui o povo já é uma raça misturada com os colonizadores espanhóis e há muitos louros e brancos. A maioria, contudo, é mulata.

Os trabalhadores andam muito decepcionados com o atual governo, a quem elegeram pensando em melhoras de condições de vida, mas já se fala com saudades de Balaguer, o ditador. Este governo demonstra incapacidade de resolver problemas mais elementares do povo. Privatiza tudo o que pode e vai fortalecendo o projeto neoliberal, mas isso não traz o desenvolvimento prometido. São necessários dezesseis pesos para comprar um dólar.

Produzem café, cana-de-açúcar, rum, milho, mandioca, feijão, cacau, e outros mas não é autosuficiente na produção de alimentos. Importam muita alimentação, além de produtos de bens e consumo. Os carros são velhos e todos de marcas asiáticas. Também os caminhões de transporte.

Em geral, discriminam os haitianos, que são considerados cidadãos de quinta categoria. Aos haitianos são reservados trabalhos brutos, como construção de estradas, colheita de café. Muitos sobrevivem migrantes na Economia Informal, com suas coisas transportadas na cabeça e muito humilhados pela população local. Os haitianos sofrem muita repressão policial, muitas vezes são sequestrados do trabalho e repatriados deixados na fronteira, enquanto seus filhos pequenos ficam na República Dominicana. As crianças são recolhidas pelas entidades de Direitos Humanos que buscam entregá-las aos pais no Haiti. Muitos haitianos compram produtos na República Dominicana para venderem no Haiti e vice-versa.

O que me marcou muito foi que nos dois países da ilha há uma prática sistemática de desrespeito a pessoa humana. Há também, em contrapartida, num e outro país, muita gente trabalhando com esperança de mudar essa realidade.

Há também muita festa e alegria que lembra o Nordeste brasileiro, que são sinais de vida.

A conclusão que tiro dessas experiências é a de que vivendo no Sudeste do Brasil, em São Paulo, com toda precariedade que enfrentamos, ainda estamos muitas vezes melhor do que nossos irmãos trabalhadores de Lima, do Haiti e da República Dominicana. Não é consolo, é comparação. Dizem que na Índia e na África, a situação é pior. Em novembro poderei conferir na Índia. É difícil conceber que exista situação pior do que pude conviver.

IMPORTANTÍSSIMO: tanto no Haiti como na República Dominicana, não há casos de suicídio. Roubos, assaltos ocorrem mas em números considerados ainda normais. Isso em função da difusão de drogas que começa a entrar na ilha de forma mais agressiva. É coisa nova o consumo de drogas.

CARTA DO MTC DA ALEMANHA

Queridos companheiros de Parintins

Espero que ao receber esta carta vocês estejam todos se sentindo bem. Temos muita saudade de vocês, da sua cidade calma com muito sol.

Aqui está resfriando devagarinho. Nós temos bastante fotos e slides da nossa viagem ao Brasil e os membros de nosso grêmio já mostraram para várias equipes da nossa região. O pessoal está sempre muito impressionado e nós nos perguntamos como poderíamos ajudar a vocês melhor? Você não tem alguma idéia, o que os moradores de Parintins, especialmente os desempregados, poderiam produzir ou escolher? E o que nós poderíamos vender aqui na Alemanha?

Como está o Brasil após as eleições? Será que alguma coisa mudou? Espero muito que os políticos cuidem melhor do povo.

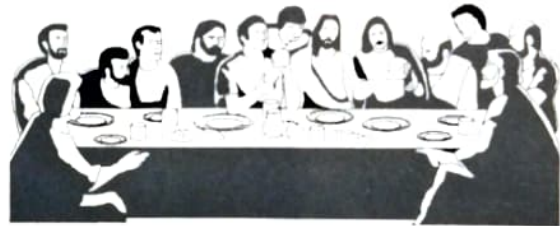
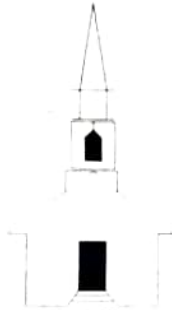
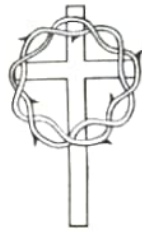
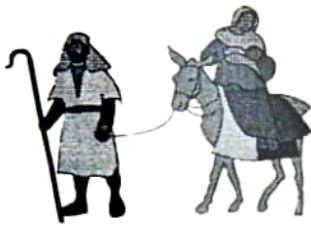
Gostamos muito do tempo que passamos com vocês e aprendemos bastante.

Hoje as crianças alemãs celebram o dia de São Martin e elas andam nas ruas à noite com lanternas nas mãos e cantam o santo que era um soldado romano. Este andava num cavalo e quando encontrava um mendigo, o santo pegava a sua espada e cortava a sua capa preciosa em duas partes; depois dava a metade ao pobre para se cobrir por causa do frio.

Vou ajuntar um calendário de advento para vocês que as crianças ganham tradicionalmente na Alemanha na véspera de Natal. Você abre a primeira janela dia 1 de dezembro e a Segunda janela no dia de Natal. No dia 24 de dezembro todas as janelas estão abertas.

Muito obrigado por tudo! Um abraço grande da Alemanha.

Cristiane



PUBLICAÇÕES DA AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA - ACO

As publicações da Ação Católica Operária - ACO são todas de linguagem simples e do ponto de vista dos trabalhadores. Têm como objetivo a formação de militantes comprometidos com a construção de uma sociedade justa, igualitária e fraterna. Dividiremos nossas publicações em três coleções para os interessados perceberem o conteúdo das mesmas.

• COLEÇÃO VER, JULGAR, AGIR pelos quatro lados à luz da Bíblia

Fazem parte desta coleção

1. **Conhecer as Sociedades** (31 pag.) - Explica o método pelos quatro lados - 2ª edição.

2. **História do Povo de Deus** - 1º volume (180 pag.) - Tem como subtítulo "Introdução para uma Leitura da Bíblia" - 4ª edição. Mostra a participação dos trabalhadores na organização do povo de Deus no tempo da Bíblia, desde Abraão até o exílio pelo ano 500 a.C.

3A. **História do Povo de Deus** - 2º volume - Abrange o período do exílio até o final dos Macabeus - 2ª edição.

3B **História do Povo de Deus** - Do ano 64 a.C. ao ano 100 d.C.

4. **Jesus: Sua Terra, Seu Povo, Sua Proposta** (112 pag.) - 7ª edição.

5. **Revisão de Vida: Conhecer para Transformar** (132 pag.) - 2ª edição.

Um movimento de crianças - Incluímos nesta coleção este livro publicado em conjunto com o MAC (Movimento de Adolescentes e Crianças) porque segue o mesmo método: Ver, Julgar, Agir adaptado para autoformação de crianças e adolescentes.

• COLEÇÃO CADERNOS DA HISTÓRIA DA CLASSE OPERÁRIA

A ideia de se escrever a História da classe Operária surgiu no Congresso da ACO de 1971, em plena ditadura, quando a grande imprensa declarava nunca ter existido a classe operária. É a História do Brasil do ponto de vista dos trabalhadores.

Caderno 1 - **Gestão e Nascimento** de 1500 a 1888 (50 pag.) - 4ª edição

Caderno 2 - **Infância Dura** de 1889 a 1919 (104 pag.) - 4ª edição

Caderno 3 - **Idade Difícil** de 1920 a 1945 (120 pag.) - 4ª edição

Caderno 4 - **Amadurecimento** de 1945 a 1964 (120 pag.) - 2ª edição

Caderno 5 - **Resistindo à Ditadura** (108 pag.) - 1ª edição

Caderno 6 - **O grande desafio** de 1978 a 1988 (98 pag.) - 1ª edição

• COLEÇÃO DOS DOCUMENTOS DA ACO

1. **História da ACO** (169 pag.) - Conta a história da Ação Católica Operária, sua resistência frente à ditadura, sua expansão, método e conteúdo.

2. **Declaração de Princípios**

3. **Regimento Interno**

4. **Estatutos Sociais**

5. Folhetos para Grupos novos, sob o título "Missão Pedagógica da ACO"

6. **ASSUMIR** - Boletim de formação para militantes da ACO e outros. Sai de quatro em quatro meses. Traz experiências de Base e artigos de orientação operária, política e de lutas no meio popular. O pedido pode ser por assinatura ou número avulso.

7. **Cantando Nossa Libertação** - Cancioneiro da ACO, com 175 cânticos, dividido em três partes:

I - Vida e luta do povo;

II - Cânticos religiosos;

III - Cânticos populares e folclóricos.

Mais dois suplementos novos, I e II. Há cinco fitas gravadas para o ensaio dos mesmos.

8. **INFOR** - Revista de Informação e Formação para trabalhadores numa dimensão internacional.

Para pedidos: **ACÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA - ACO**

Rua Van Erven, 26 - Catumbi - 20211-320 - Rio de Janeiro - RJ - Tel.: (021) 502-2231.